

CONDIÇÕES SOCIAIS E DE SAÚDE DOS PESCADORES ARTESANAIS NA COMUNIDADE ESPÍRITO SANTO DO TAUÁ, SANTO ANTÔNIO DO TAUÁ-PA

SOCIAL AND HEALTH CONDITIONS OF ARTISANAL FISHERMEN: IMPLICATIONS FOR SUSTAINABLE RURAL DEVELOPMENT IN THE ESPÍRITO SANTO DO TAUÁ COMMUNITY, SANTO ANTÔNIO DO TAUÁ- PA)

Loiane Barata Costa¹
Adriano Soares Barbosa²
Ylana Priscila da Costa Melo³
Christian Nunes da Silva⁴
Tobias Saraiva Cavalcante Junior⁵
Regiara Croelhas Modesto⁶
Marcel Assis Batista do Nascimento⁷

**Área Temática 1: Desenvolvimento Rural Sustentável, Dinâmica Territoriais e Conhecimentos
Tradicionais;
Modalidade: Artigo Científico**

Resumo

A Organização Internacional do Trabalho alerta que a pesca é uma das mais desgastantes e perigosas atividades produtivas desenvolvidas pelo ser humano. De acordo com dados da Agência das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), aproximadamente 70 pescadores morrem todos os dias no mundo vítimas de desastres naturais e embarcações inadequadas. Esta pesquisa descreve as informações relacionadas a socioeconomia do pescador artesanal residente na comunidade de Espírito Santo, município de Santo Antônio do Tauá-Pá, visando compreender a dinâmica de trabalho relacionando a saúde desses trabalhadores e conseqüentemente contribuir com informações acerca da organização do trabalho na atividade. O procedimento metodológico teve caráter exploratório, integrando pesquisa bibliográfica e documental. O lócus da pesquisa é o município de Santo Antônio do Tauá, localizado na região nordeste, Estado do Pará. Para atender os objetivos propostos, foi realizada a pesquisa com os pescadores residentes na comunidade, através de formulários semiestruturados no período de maio a agosto de 2023. Nesses, foram diagnosticado o aspecto socioeconômico, técnicas de captura e, também os aspectos de saúde dos pescadores. As atividades de pesca artesanal desenvolvidas na comunidade de Espírito Santo do Tauá, tem características ancestral e familiar, repassados de gerações em gerações pelos antepassados. Os tipos de apetrechos de pesca empregados são rede de malha, espinhel e matapí durante o ano todo. A pesquisa revelou que a pesca artesanal, embora seja essencial para a subsistência e identidade cultural da comunidade, está fortemente marcada por condições precárias de trabalho, riscos ocupacionais diversos e insuficiente amparo em termos de políticas públicas voltadas à saúde do trabalhador.

¹ Instituto Federal do Pará; e-mail: loianebarata850@gmail.com

² Instituto Federal do Pará; e-mail: adrianoetno2016@gmail.com

³ Instituto Federal do Pará; e-mail: ylana.melo@ifpa.edu.br

⁴ Universidade Federal do Pará; e-mail: cnsgeo@yahoo.com.br

⁵ Universidade Federal do Maranhão; e-mail: tobiasscjr@hotmail.com

⁶ Instituto Federal do Pará; e-mail: regiara.modesto@ifpa.edu.br

⁷ Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Clima e Sustentabilidade; e-mail: assismarceltour@gmail.com

Palavras-Chave: Pesca artesanal, Amazônia, Nordeste Paraense

Abstract

The International Labour Organization warns that fishing is one of the most exhausting and dangerous productive activities carried out by humans. According to data from the Food and Agriculture Organization (FAO), approximately 70 fishers die every day worldwide due to natural disasters and inadequate vessels. This study presents information related to the socioeconomic conditions of artisanal fishers residing in the Espírito Santo community, located in the municipality of Santo Antônio do Tauá, Pará, aiming to understand their work dynamics and its relation to their health. The methodological approach was exploratory, combining bibliographic and documentary research. The study was conducted in Santo Antônio do Tauá, in the northeastern region of the state of Pará, Brazil. To meet the proposed objectives, field research was carried out with local fishers using semi-structured questionnaires between May and August 2023. The research examined socioeconomic aspects, fishing techniques, and health conditions of the fishers. Artisanal fishing in Espírito Santo do Tauá is characterized by its ancestral and family-based nature, passed down through generations. The fishing gear commonly used includes gillnets, longlines, and matapí traps throughout the year. The study revealed that although artisanal fishing is vital for the community's livelihood and cultural identity, it is marked by precarious working conditions, various occupational risks, and a lack of public policies aimed at protecting workers' health.

Key words: Artisanal fishing, Amazon, Northeastern Pará

1. Introdução

No Brasil, a pesca artesanal é desenvolvida de acordo com a especificidade de cada região considerando os fatores sociais, políticos, institucionais, econômicos e ambientais que estão presente na cadeia produtiva local. Os pescadores utilizam estes espaços como forma de garantir a produção, renda familiar como forma de garantir a redução da pobreza e promover a segurança alimentar (ALMEIDA, 2006).

A modalidade de pesca artesanal é uma atividade de suma importância tanto do ponto de vista econômico como social. De acordo com Borghetti (2000), uma grande parte das populações ribeirinhas e da zona litorânea dependem direta ou indiretamente, da atividade pesqueira no Brasil, com destaque para a pesca artesanal, que segundo Santos *et al.* (2008), que corresponde a mais de 50% da produção nacional de pescado.

A pesca é considerada artesanal quando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte (BRASIL, 2009).

Segundo Cerdeira *et al.* (1997) e Batista *et al.* (2004), as taxas de consumo de pescado na Amazônia são as maiores do mundo, existem várias comunidades que dependem diretamente da captura do pescado para sobrevivência representando maior

fonte de alimento. O último relatório da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), publicado no ano 2020, indica que o consumo global de pescado para alimentação humana aumentou em uma taxa média anual de 3,1 % de 1961 a 2017, crescimento maior do que o consumo de outras fontes de proteína animal no mesmo período.

A atividade pesqueira na Amazônia tem uma relevada importância econômica, social e cultural em várias comunidades e regiões, destacando-se a nível nacional com relação a pesca de ambientes costeiros e de águas fluviais, pela diversidade de espécies exploradas, pela quantidade em termo de produção pesqueira capturada e pela relação que a população tradicional possui com essa atividade, dependendo dela para garantir renda, segurança alimentar e preservar seu modo de vida (BARTHEM & FABRÉ, 2004).

No litoral Paraense, região que possui 562 km, com 123 comunidades pesqueiras distribuídas entre 17 municípios (IBGE, 2021), a pesca, em especial a artesanal, se constitui em uma das atividades econômicas mais importantes dos municípios, visto que gera postos de trabalho e renda para uma parcela significativa da população local.

Além de toda importância socioeconômica, cultural e ambiental que a pesca expressa a nível nacional, estadual e local, vale ressaltar que a dinâmica da atividade pesqueira envolve um grande número de trabalhadores que atuam sobre condições precárias de trabalho no seu dia a dia, ficando assim vulneráveis a acidentes. Muitas das comunidades que dependem da produção e comercialização dos produtos da pesca artesanal como meio fundamental de renda e alimentação estão submetidas a situações de pobreza, riscos sociais e ambientais que tendem, em longo prazo, comprometer o desempenho integral da cadeia produtiva (SANTOS, 2005).

A Organização Internacional do Trabalho (OIT, 1998) alerta que a pesca é uma das mais desgastantes e perigosas atividades produtivas desenvolvidas pelo ser humano. De acordo com dados da Agência das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (Food and Agriculture Organization of the United Nations – FAO), aproximadamente 70 pescadores morrem todos os dias no mundo vítimas de desastres naturais e embarcações inadequadas (ROSA & MATOS, 2010).

De acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), a atividade pesqueira é considerada de risco 3, potencialmente perigosa, porque expõe os trabalhadores a riscos de acidentes nos barcos, afogamentos, diversos problemas de

saúde, trabalho noturno, contato com ambientes insalubres de trabalho e agentes patológicos em lugares com mal saneamento.

Ademais, Figueiredo, Furtado e Castro (2009) ressaltam que a infraestrutura da maioria de municípios, vilas e povoados da Amazônia não ocorre de acordo com o seu crescimento demográfico local, ocasionando, uma série de carências que vão desde a falta de saneamento básico, dificuldade de acesso à água tratada e aos sistemas de saúde, além da insuficiente orientação técnica ao trabalhador da pesca, o que proporciona uma difícil vida cotidiana às suas populações.

Prosenewicz e Lippi (2012) acrescentam à discussão que na atividade laboral da pesca sempre há risco de acidentes, afogamentos e outros perigos devido à inexistência ou precariedade quanto ao uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), no entanto, está previsto no Sistema Único de Saúde (SUS), conforme artigo 6º, a execução de ações de saúde do trabalhador.

A Vila do Espírito Santo, está localizada à margem rio Tauá e pela Baía do Guajará, nordeste Paraense do estado do Pará, sua economia é estruturada pela pesca, agricultura, extrativismo, servidores públicos, privados e aposentados. A população que habita a vila em estudo é formada, principalmente, por pescadores e extrativistas com baixo poder aquisitivo e que está vulnerável a falta de saneamento básico.

Diante do contexto, esta pesquisa descreve as informações relacionadas a socioeconomia do pescador artesanal residente na comunidade de Espírito Santo, município de Santo Antônio do Tauá-Pá, visando compreender a dinâmica de trabalho relacionando a saúde desses trabalhadores e consequentemente contribuir com informações acerca da organização do trabalho na pesca artesanal e suas possíveis relações com a saúde desses profissionais. A Escolha dessa comunidade para realização do estudo, está relacionada ao número de pescadores artesanais e a grande significância da atividade pesqueira para a comunidade.

2. Metodologia

O presente estudo teve o caráter exploratório, integrando pesquisa bibliográfica e documental. Na pesquisa bibliográfica, foi realizada uma revisão sistemática da literatura para identificar estudos relevantes relacionados ao tema da pesquisa.

O público da pesquisa foram os pescadores artesanais residentes na Vila de Espírito Santo do Tauá. Essa participação comunitária foi extremamente importante para o desenvolvimento do trabalho.

O município de Santo Antônio do Tauá, banhado por rios, localizado na região nordeste, Estado do Pará, Amazônia Brasileira, na coordenada geográfica: 01°09'06 e 48°08'00" WGr, a área do município é de 537.618 Km² e sua população está estimada em 32.346 habitantes (IBGE 2017), limita-se ao norte com o município de Vigia de Nazaré, Colares e São Caetano de Odivelas; a leste com o Município de Castanhal; ao oeste com o município de Santa Barbara do Pará; e ao sul com o município de Santa Izabel do Pará. A distância da capital Belém é de 54 Km. Apresenta grande potencial pesqueiro e várias comunidades rurais que desenvolvem a pesca artesanal, dentre elas, a comunidade de Espírito Santo.

A comunidade do Espírito Santo localiza-se a 12 km da área urbana do município e tem ligação hidrográfica pelo rio Tauá e pela Baía do Guajará, onde vários pescadores e moradores fazem uso contínuo desses recursos para desenvolver suas atividades de pesca e extrativismo.

Para atender os objetivos propostos, foi realizada a pesquisa com os pescadores residentes na comunidade, através de formulários semiestruturados no período de maio a agosto de 2023. Nesses, as informações investigadas para diagnosticar o aspecto socioeconômico foram: sexo, idade, estado civil, naturalidade, escolaridade e renda.

Durante a entrevista também foi realizado levantamento de informações com relação as técnicas de captura que são utilizadas durante as pescarias, bem como toda a dinâmica da pesca. Nesse formulário foram observados os seguintes elementos: local de pesca, dias de pesca, tamanho do barco, número de tripulantes, tipo de aparelho de pesca, tamanho do aparelho, espécies capturadas, safra das espécies, forma de comercialização, dentre outras informações.

Com relação aos aspectos de saúde, foram observados os tipos de doenças com mais frequência durante as atividades de pesca, as condições de trabalho nos convés (plataforma das embarcações), vulnerabilidade dos trabalhadores, quedas e baques, exposição à radiação solar, exposição às bruscas mudanças climáticas, baixa luminosidade ao trabalho noturno, acidentes com animais que possam provocar lesões (ferrada de arraias, escorpiões, cobras dentre outros), ruído do motor da embarcação, esforço físico repetitivo, posturas inadequada dentre outros.

Para analisar o perfil social, econômico e as técnicas de pesca dos pescadores da área pesquisada, após as coletas, as informações dos formulários foram transferidas para

o programa computacional “Excel”, visando formar um banco de dados de fácil visualização e, posteriormente as informações foi sistematizado.

Durante a sistematização foi possível criar tabelas, gráficos contendo diversos atributos relacionados aos aspectos sociais, econômicos e sobre as técnicas de pesca que foram pesquisadas. Foram utilizadas as análises simples de estatística do programa Excel, tais como: porcentagens, frequências e médias aritméticas.

3. Resultados/Discussões

3.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO.

As atividades de pesca artesanal desenvolvidas na comunidade de Espírito Santo do Tauá, tem características ancestral e familiar, repassados de gerações em gerações pelos antepassados. A relação de trabalho, o convívio social e o modo de produção caracterizam-se pela participação das famílias ou grupos de pescadores, constituindo uma relação de reciprocidade entre o ambiente natural e a comunidade (RABELO et al, 2017).

No total foram entrevistados 30 pescadores artesanais (Tabela 1), sendo 46,66 % (n=14) mulheres e 53,33% (n=16) homens, com relação a idade, 23% (n=7) com faixa etária entre (20 a 29) anos, 7% (n=2) entre 30 a 39 anos, 33% (n=10) entre 40 a 49 anos, 37% (n=11) acima dos 50 anos. Zacardi *et al* (2017) em estudos realizados nos lagos Mapiri e Papucu as margens do rio Tapajós, Santarém, Pará, aponta que a maioria dos entrevistados eram do sexo masculino com percentual de (92%), exceto três pescadoras. E idade média com frequência entre 60 a 70 anos. Esta proporção demonstra relativamente a baixa participação dos mais jovens na atividade da pesca artesanal.

De acordo com Santos & Bastos, 2011, a atividade da pesca no nordeste Paraense é praticada exclusivamente por homens, devido exigir maior esforço físico, e ter maiores perigos relacionados a saúde e segurança, que limitam as mulheres se envolverem na atividade.

Tabela 1. Perfil socioeconômico, frequência relativa ao gênero e idade dos pescadores artesanais da comunidade de Espírito Santo do Tauá.

Informações (total de entrevistados = 30)	Participação em (%)
---	---------------------

Sexo	Masculino	53,33%
	Feminino	46,66%
Faixa etária	20 a 29	23%
	30 a 39	7%
	40 a 49	33%
	>50	37%

A realidade socioeconômica dos pescadores artesanais que atuam nos locais de pesca de abrangência da comunidade de Espírito Santo do Tauá, não difere das outras comunidades ribeirinhas estudadas na Amazônia, principalmente quando se trata de questões sociais relacionadas a idade, renda, escolaridade, tempo de atividade, entre outros (RABELO et al., 2017).

A atividade de pesca artesanal é executada desde adolescência pelos entrevistados, sendo a pesca artesanal como principal fonte de renda, em outro caso quando perguntado sobre a atividade secundária, 53% atuam na atividade de extrativismo, 37% na agricultura, e 10% serviços braçal, a pesar da pesca artesanal ser a principal atividade, em época de escassez de pescado é comum buscar em outra atividade o complemento ou até mesmo a renda família, de acordo com o IBAMA (2002), esse acúmulo de atividades econômicas está relacionado com a redução das capturas dos organismos devido ao aumento de esforço de pesca na região.

A escassez de pescado e o acúmulo de atividades econômicas são atreladas ao setor pesqueiro, estão relacionados aos fatores como: o aumento da quantidade das embarcações nos ambientes de pesca, o extrativismo e a pesca predatória exercida pelos próprios pescadores, o aumento da população, a sobre pesca, além das mudanças climáticas nos ambientes naturais o que acarreta a diminuição da quantidade e do tamanho das espécies capturadas (SANTOS et al., 2011).

O nível educacional dos entrevistados (Figura 2) foi, 27% (n=8) dos pescadores responderam não ter escolaridade, 37% (n=11) fundamental incompleto, 13% (n=4) fundamental completo, 13% (n=4) médio incompleto, 7% (n=2) médio completo e 3% (n=1) superior completo. Zacardi et al (2017) em estudos realizados nos lagos Mapiri e Papucu as margens do rio Tapajós, Santarém, Pará, observa que a maioria dos pescadores (83%) possui o ensino fundamental completo, ainda segundo o mesmo autor, o grande número de pescadores com o ensino fundamental completo difere da realidade registrada na maioria dos estudos realizados em comunidades ribeirinhas amazônicas.

Com relação à documentação, 100% dos pescadores entrevistados responderem possuir documentos pessoais, tais como RG, CFP e registro de pescador. Porém ainda é comum a ausência da carteira de trabalho, PIS ou NIS, neste caso ocorre por falta de informações. “Mesmo com o tempo da atividade pesqueira sendo superior a três décadas, nota-se que ainda nem todos os pescadores possuem registros” (RABELO, 2017 p.78).

Quanto ao estado civil, 50% (n=15) dos pescadores se declaram solteiros, 40% (n=12) amigados ou união estável e 10% (n=3) casados, em estudos realizado por concluiu que 58,0% dos pescadores declaram ser cassados ou amasiados ocorrendo um percentual alta de solteiros (26,0%), separados (12,0%) ou viúvos (40%), estes dados são comuns em estudos realizados nas áreas ribeirinhas da região amazônica.

Referente ao número de famílias por residência, 96% (n=29) disseram residir apenas uma família e 4% (n=1) duas famílias, já composição por pessoas entre as familiar, 33% (n=10) afirmam morar com 5 dependentes, 26,6% (n=8) com 4 dependentes, 26,6% (n=8) com 3 dependentes, 6,6% (n=2) com 2 dependentes e 6,6% (n=2) nenhuma dependente. De acordo com Teixeira (2023) em estudo realizado no município de São Caetano de Odivelas o número de dependentes por famílias varia de 0 a 6 pessoas.

Com relação ao tempo de atividade foram identificados que, 10% praticam a pesca entre 0 a 9 anos, 20% praticam entre 10 a 19 anos, 30% entre 20 a 29 anos, 30% entre 30 a 39 anos, 7% entre 40 a 49 anos, 3% acima dos 50 anos. Segundo Lima et al, (2012), “os pescadores geralmente apresentam longo tempo de dedicação a este exercício, característica confirmada também nas duas comunidades estudadas, onde o tempo de pesca variou de 18 a 21 anos na região de Mamoré, rio Madeira 20 anos, São Francisco 28 a 30 anos”.

Quando questionados sobre filiação em alguma organização social, 73% responderam que pagam o sindicato de pesca, 17% pagam a colônia de pescadores. Zacardi et al (2017), em estudo aplicado nos lagos Mapiri e Papucu. Afirma que atualmente existem 98 pescadores registrados Colônia Z-20 sendo que este percentual pode variar ao longo do ano.

3.2 ASPECTOS TECNOLÓGICO DAS PESCARIAS (BARCO E APETRECHOS)

Os barcos do tipo montarias predominam na comunidade (Figura 1), sendo 63% (n=19) com capacidade entre 500kg ou mais. De acordo com Brito *et al.*, 2002, esse tipo

de barco se caracteriza por ser movida a remo, casco de pequeno porte, conhecida vulgarmente como bote a remo casquinho ou montaria.



Figura 1. Barcos utilizados pelos pescadores artesanais da comunidade de Espírito Santo do Tauá, município de Santo Antônio do Tauá, Estado do Pará.

As principais embarcações utilizadas nas comunidades em atividades pesqueiras são confeccionadas em madeira, com pouca autonomia, com denominação de canoa motorizada movida a rabeta (7,5 a 9 HP) a gasolina, podendo variar de 07 a 13 metros de comprimento de maioria não registrada (Rabelo *et al*, 2017).

Os tipos de apetrechos de pesca empregados pelos pescadores da comunidade do Espírito Santo são rede de malha, espinhel e matapí usados na região (rio Tauá e Baía do Sol) durante o ano todo (janeiro a dezembro), sendo que 90% disseram trabalhar com rede de malha e espinhel e 10% usam matapí, rede de malha e espinhel.

Entre os diversos apetrechos de pesca na região estudada, no entanto, nota-se a preferência no uso de malhadeiras (rede de emalhar), presente em todos os lagos e com uma maior frequência de ocorrência nas pescarias. As malhadeiras ou rede de malhar (redes de náilon) fazem parte das inovações tecnológicas da pesca oriundas da liberação de incentivos fiscais para a região Amazônica no início da década de 60, que junto com os motores a diesel e das embarcações equipadas com caixas para transporte de gelos, contribuíram para o acelerado desenvolvimento tecnológico da pesca e para o aumento no poder de pesca (SOUZA *et al.*, 2012).

A rede de malha ou malhadeira nome comum compartilhado entre os pescadores estrutura de forma retangular, geralmente, em fio de náilon (poliamida) com o comprimento variando entre 100 a 300m e diâmetro de fio entre 0,20 a 0,35 mm, de malha entre 1 a 10 cm e altura entre 1m e ½ a 2 de altura, o entralho (cabo superior) apresenta boias de isopor em média de 10 cm com espaçamento entre 1 metro e ½ meio

como flutuador para mantê-la na superfície e usam também como flutuador um pedaço de isopor com aproximadamente 30 cm² suspenso por uma corda, o entralho (cabo inferior) possuem chumbadas para dar peso a rede, entre elas muitos pescadores usam ferros confeccionados por eles, pedras ou pedaços de ferros encontrados em sucatas para dar sustentação a rede, podendo estar a deriva as margens do rio, ou geralmente com as extremidades presas nos galhos das árvores, ou no meio do mesmo, com as extremidades presas em poita identificada por meio de boia de isopor (SERRÃO *et al.*, 2009).

Este apetrecho é muito utilizado no lago durante todo o ano, apenas suspenso no período do defeso (novembro a março). São usados tanto no período da noite como no período do dia, sendo que preferencialmente os pescadores utilizam as redes confeccionadas com fio de nylon durante o dia e as de algodão no período da noite, pois segundo eles a claridade impede que os peixes “enxerguem” a rede de nylon durante o dia favorecendo a captura, diferentemente do que ocorre no período da noite em que essas redes se tornam brilhosas durante o luar dificultando a pescaria (SERRÃO *et al.*, 2009).

Com relação ao espinhel é composta por uma linha de náilon ou cabo plástico onde são fixados vários tipos de anzóis, a numeração e o tamanho dos anzóis a ser utilizados para confeccionar a linha dependem muito da espécie a ser capturada bem como o comprimento que varia de acordo com o tamanho e capacidade da embarcação utilizada na atividade.

O espinhel popularmente conhecido como “linha”, é composto por um entralhe (cabo) principal cujo comprimento varia de 100 a 200 m, a qual é amarrada várias linhas secundárias, de 30 cm de comprimento com anzóis anexados em cada uma, variando de 100 a 200 anzóis dependendo do comprimento do entralhe, tanto o entralhe como as linhas secundárias são confeccionados em linha de plástico ou algodão pelos próprios pescadores, o número do anzol utilizado variam de 13 a 11 que ficam armados no entralhe numa distância de 1m a 1m e ½ um do outro. Nas margens do rio Tauá e Baía do Sol são frequentemente usadas em dois níveis diferentes de profundidade: no meio da coluna d’água e no fundo (SERRÃO *et al.*, 2022).

O matapí tipo de armadilha utilizada para a captura de camarão-regional ou camarão-cascudo, *Macrobrachium amazonicum*. A arte de pesca é confeccionada com talas de miriti (*Mauritia exuosa* L.), tipo de palmeira abundante na região principalmente em áreas de várzeas, com as seguintes dimensões: 50 cm de

comprimento; 21,4 cm de altura; 67 cm de diâmetro maior; 10 cm de diâmetro menor; intervalo entre talas 2 mm e “porta” com 8 cm de altura e 11 cm de largura. No rio Tauá ou na Baía do Sol, os matapis são presos em uma vara fixada na beirada do rio na maré baixa num intervalo de 4 a 5 metros uma da outra, no interior da armadilha são introduzidas isca de babaçu para captura de camarão destinado a comercialização e consumo (CINTRA *et al.*, 2009).

Entre as principais espécies capturadas, uma parte da produção é retirada para o consumo familiar e o excedente é vendido diretamente ao consumidor, as quais estão apresentadas na (Tabela 3) abaixo com seus respectivos nomes popular e científico: Pescada branca (*Cynoscion leiarchus*); Sarda (*Pellona spp.*); Mapará (*Hypophthalmus edentatus*); Bagre branco (*Netuna barba*; Carataí (*Liposrcus pardalis*); Bacú (*Lithodoras dorsalis*); piramutaba (*Brachyplatystoma vaillanti*) e de outras espécies altamente consumidas pela população amazônica, como a dourada (*Brachyplatystoma flavicans*), o filhote (*Brachyplatystoma filamentoswn*), o mapará (*Hypophthalmu. sp.*) e o tamuatá (*Hoplo. fernum littorale*).

Tabela 3. Pescado capturado e comercializado pelos pescadores na comunidade de Espírito Santo do Tauá-Pará.

Apetrechos	Nome local	Nome científico	Isca	Habitat	Ocorrência
Rede de malha	Acará	<i>Geophagus brasiliensis</i>	Carne de outros peixes, amures	Na margem do rio	Fica em meios dos paus e galhadas, em poços dentro dos igarapés
Rede de malha e espinhel	Arraia	<i>Potamotrygon sp</i>	Peixe pequeno	Superfície, fundo e beira de rio e praia	Marisca na beira e nos meios dos corais e se enterra no meio da areia
Rede de malha, espinhel e puçal	Bacú	<i>Lithodoras dorsalis</i>	Camarão, carne de outros peixes, frutas, aninga e mariscos.	Meio as pedras e em poços	De dia fica no poço e a noite sai para comer
Rede de malha e espinhel	Bagre branco	<i>Netunabarba</i>	Carne de outros peixes e amures	Poço fundo, em meio as pedras	Sai para comer de dia e pela noite

Rede de malha e espinhel	Barba-chata	<i>Pirinampus pirinampus</i>	Carne de outros peixes	Fundo do rio	Alimenta-se dentro dos igarapés à noite
Rede de malha e espinhel	Branquinha	<i>Curimata amazonica</i>	Come lodo	Lagos e rios	Fica no leito do rio e nos poços no fundo (noturno)
Rede de malha e espinhel	Cachorro de padre ou Jandiá	<i>Leiarius marmoratus</i>	Carne de outros peixes e camarão	Águas profundas	Vivem em cardumes
Rede de malha e espinhel	Carataí/Bodó	<i>osrcus Lippardalis</i>	Carne de outros peixes, minhoca e amure	Nas pedras	Come lodo, sai à noite
Rede de malha	Carí- preto	<i>Hypostomuscf plecostomus</i>	Se alimenta de limo e plâncton	Vive entre as pedras	Desova entre as pedras e nos poços
Rede de malha e espinhel	Dourada	<i>Brachyplatystoma flavicans</i>	Carne de outros peixes	Entre as pedras	Vivem em cardume, sobe o rio para desovar
Rede de malha e espinhel	Filhote	<i>Brachyplatystoma filamento</i>	Peixes, amuré, camarão	Em poços, na superfície do rio	Mariscar na beira e na superfície
Rede de malha e espinhel	Jacundá	<i>Crenicichla gr Reticulata</i>	Carne de outros peixes, pequenos	Na margem do rio	Marisca à noite
Rede de malha e espinhel	Mandií	<i>Pimelodus maculatus</i>	Minhoca sarara e camarão	Meio as pedras e poços	Costuma sair somente à noite
Rede de malha e espinhel	Mapará	<i>Hypophthalmus edentates</i>	Lodos e peixinhos	Vive em igarapé	Em cardumes
Rede de malha e espinhel	Pescada branca	<i>Cynoscion leiarchus</i>	Camarão, carne de outros peixes e amures	Poço fundo e de baixo da rama	Hábito diurno e noturno
Rede de malha e espinhel	Piaba/Piramutaba	<i>Brachyplatystoma vaillante</i>	Carne de outros peixes e amure	No fundo, superfície e nas pedras	Vivem em cardume
Rede de malha e espinhel	Pratiuíra	<i>Mugil curema Valenciennes</i>	Carne de outros peixes e camarão	Poço fundo em as pedra	Vivem em cardume
Rede de malha e espinhel	Sarda	<i>Pellona spp.</i>	Outros peixes e amure	Em águas profundas	Tem costume de comer os peixes vivos
Rede de malha e espinhel	Tainha	<i>Mugil sp.</i>	Sardinha, lodo e lama	Águas profundas e banco de areia	Vive em cardume

Rede de malha e espinhel	Tucunaré	<i>Cichla melaniae</i>	Carne de peixe pequeno e grande	Fundo, superfície e margem do rio	Marisca de dia e de noite, guarda os seus filhos na boca
--------------------------	----------	------------------------	---------------------------------	-----------------------------------	--

3.3 SAÚDE

Vários estudos relacionados a partir das atividades e pescadoras dos pescadores artesanais apontam para problemas vinculados a saúde e doenças articulares, como câncer de pele, dores na coluna, problemas respiratórios, envelhecimento precoce, cegueira, cortes, ferradas, entre outros, (GARONE NETO, CORDEIRO, HADDAD JR, 2005; ROSA, MATOS, 2010; BRASIL, 2009). Na figura a seguir podem-se conferir horas trabalhadas, ocorrência de acidente ao longo das atividades e os problemas de saúde citados durante as entrevistas.

Segundo Rosa e Matos (2010, p.1550) citam que “as maiores reclamações são com relação aos problemas articulares e neuromusculares, o que evidencia a prática de um trabalho desgastante, aos problemas posturais e ao excesso de esforço físico, refletidos em dores nas costas, coluna, braços e pernas”. E destaca que “os problemas respiratórios, traduzidos por pneumonias e tuberculoses, estão relacionados à grande exposição às variações climáticas e agentes patológicos e também à deficiência alimentar”.

Ao se deslocarem para atividade de pesca e questionados sobre o uso de equipamento de proteção individual (EPI), e equipamento de proteção coletiva (EPC), 90% ou seja, 27 dos entrevistados responderam que não usa qualquer tipo de proteção na pescaria, 10% 3 entrevistados usa (Figura 3) e o mais citado foi chapéu, seguido de botas e óculos, 37% (11) entrevistados não sabe significado, e 63% (19) entrevistados já ouviu falar (Figura 4) a seguir pode-se observar o uso com frequência e o conhecimento desses equipamentos nas atividades cotidianas.

Prosenewicz e Lippi (2012) ao pesquisarem os pescadores de Ji-Paraná/RO concluíram que a problemática levantada durante os estudos não diferem das pesquisadas na comunidade de Espírito Santo do Tauá. Os pescadores declaram fortes dores e formigamento na coluna, pernas e músculos, câibras, perda de visão, dores na cabeça, gripe e doenças de pele, além de acidentes durante o trabalho como cortes, ferradas, afogamentos. Os autores concluem que a inexistência e o não uso dos

Equipamentos de Proteção Individual EPIs são fatores de risco a condições de vida e trabalho.

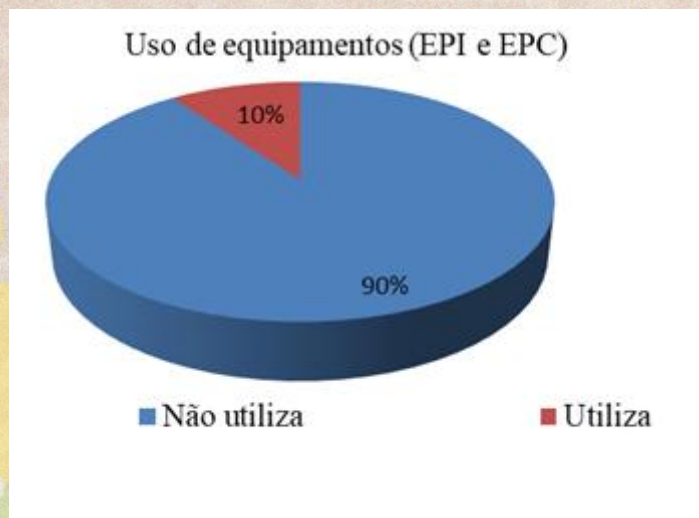


Figura 3. Proporção do uso de equipamentos pelos pescadores da comunidade de Espírito Santo do Tauá-Pará

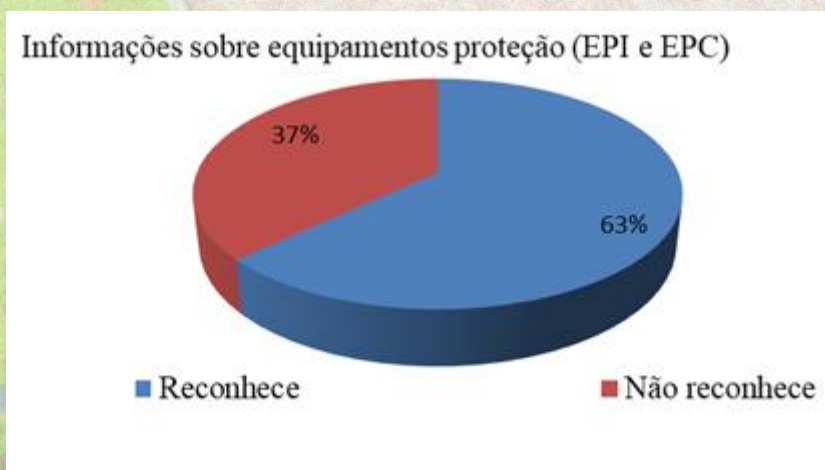


Figura 4. Proporção de informações sobre o uso de equipamentos de proteção pelos pescadores da comunidade de Espírito Santo do Tauá-Pará.

A ausência desses equipamentos pode causar sérios riscos a saúde como, cegueira, câncer de pele, cortes, ferradas, surdez, entre outros, Mello et al (2012) afirma que a não utilização desses equipamentos, vem se intensificando o aparecimento de diversos acidentes de trabalho.

Com relação aos acidentes de trabalhos nas atividades, 83,% ou 25 entrevistados responderam não sofrer nenhum tipo de acidente de trabalho, e 17% ou 5 entrevistados já sofreu algum tipo de acidente (Figura 5) como cortes, ferradas, quedas. Nogueira, Souza e Santa Brígida (2017), afirmam que os acidentes mais comuns são ferrados de peixes e quedas no interior das embarcações ou fora delas.

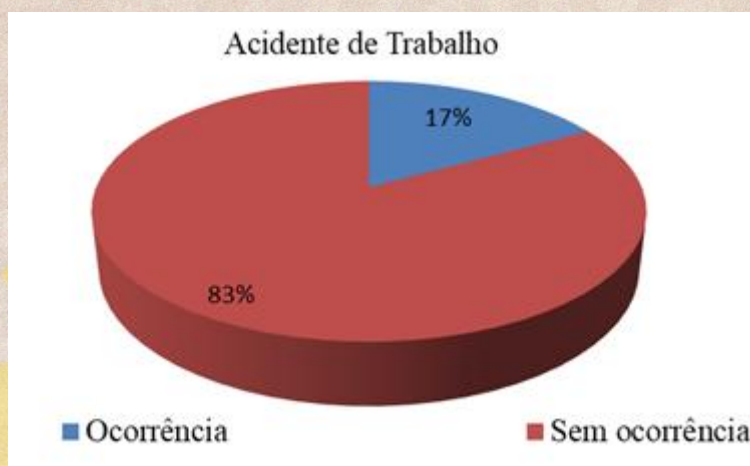


Figura 5. proporção de acidente de trabalho nas atividades dos pescadores da comunidade de Espírito santo do Tauá-Pará.

A exposição a jornada de trabalho sem o uso de EPI e EPC por tempo prolongado, intensificam as ocorrências de problemas de saúde, os que trabalham por um período entre 4 a 6 horas diariamente sem qualquer proteção, 93% ou 28 dos entrevistados disseram não sentir nem um tipo de doença, apenas 7% ou 2 dos entrevistados apresentam algum desconforto em sua saúde (Figura 6), as dores nas costas, nas pernas e nos braços são as maiores reclamações dos pescadores em qualquer hora e dia trabalhado.

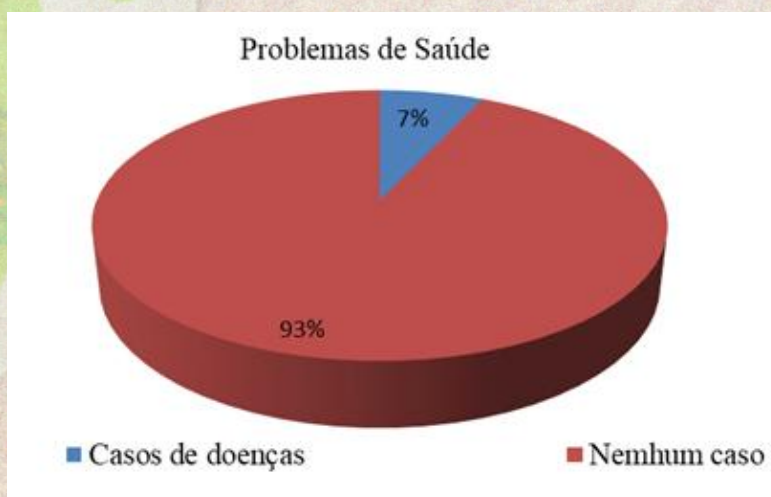


Figura 6. Proporção sobre os casos de saúde dos pescadores da comunidade de Espírito Santo do Tauá-Pará.

Com relação aos cuidados com a saúde 100% responderam tomar bastante água e alimentar-se com frequência, tratar os problemas de saúde e as doenças com remédios caseiros na forma de óleo de andiroba, chá e garrafadas como anti-inflamatório para

dores nas costas e coluna, compressão para dores de cabeça, febres, gases, nos casos mais graves procuram a unidade de saúde local para acompanhamento médico.

Referente à vacinação 100% responderam ter se vacinado contra a COVID19, 17% (n=5) dos entrevistados tomaram a 4ª dose, 53% (n=16) a 3ª dose e 30% (n=9) a 2ª dose, quanto as orientações médicas os trabalhadores informaram que há unidade de saúde, médicos, enfermeiros e agentes de saúde, mas, que não buscam orientações, somente em casos mais graves, e que não informaram a data da última visita desses profissionais em suas residências.

Em relação às condições habitacionais destes pescadores, verificou-se que 67% possuem casa própria, e 33% moram com os pais, 97% de alvenaria e 3% madeira, 53% piso cimentado, 43% piso lajetado e 4% madeira, 100% com cobertura de telhas de barro, 100% possuem abastecimento de água não tratada através da rede pública de distribuição. Nestas residências moram em média 27% (n=5) pessoas, 27% (n=4) pessoas, 13% (n=3) pessoas, 27% (n=2) pessoas, 6% (n=1) pessoa, 97% (n=1) residem apenas uma família, e 3% (n=2) duas famílias.

4. Considerações Finais

As práticas de pesca da comunidade Espírito Santo do Tauá são fortemente ancoradas nos conhecimentos tradicionais transmitidos pelas famílias de geração em geração, muito semelhante ao perfil observado em outras comunidades ribeirinhas da Amazônia.

Diante da análise das condições sociais e de saúde dos pescadores artesanais da comunidade Espírito Santo do Tauá, evidencia-se a complexidade e a vulnerabilidade que cercam a atividade. A pesquisa revelou que a pesca artesanal, embora seja essencial para a subsistência e identidade cultural da comunidade, está fortemente marcada por condições precárias de trabalho, riscos ocupacionais diversos e insuficiente amparo em termos de políticas públicas voltadas à saúde do trabalhador.

Os dados obtidos mostram que os pescadores enfrentam desafios significativos relacionados ao esforço físico, exposição a condições ambientais adversas, acidentes frequentes e doenças ocupacionais, como problemas osteomusculares, respiratórios e dermatológicos. Tais aspectos demonstram que a prática da pesca artesanal, além de

representar um importante elo com o modo de vida local, também expõe os trabalhadores a situações de vulnerabilidade física e socioeconômica.

Portanto, os resultados desta pesquisa ressaltam a necessidade de políticas voltadas à melhoria das condições de trabalho, acesso a serviços de saúde específicos e programas de capacitação e segurança. Além disso, reforça-se a importância do reconhecimento e valorização da pesca artesanal como atividade produtiva essencial, que demanda suporte técnico, social e institucional para que possa ser desenvolvida de forma segura e sustentável.

5. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, O. T. O manejo de pesca na Amazônia brasileira. São Paulo: Peirópolis, 2006.

BARTHEM, R. B., & FABRÉ, N. N. (2004). Biologia e diversidade dos recursos pesqueiros da Amazônia. *A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia brasileira*, 1, 17-62.

BASTOS, D. L. Caracterização da pesca artesanal do município de Vigia de Nazaré, estado do Pará. 2012. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia de Pesca) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2012. Disponível em: <http://bdta.ufra.edu.br/jspui/handle/123456789/3000>. Acesso em: 15 de jun de 2025.

BATISTA, V. S., ISAAC, V., & VIANA, J. (2004). A pesca na Amazônia Central. RUFFINO, ML A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia brasileira. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), 197-229.

BORGHETTI, J. R. Estimativa da pesca e aquicultura de água doce e marinha. Instituto de Pesca, n. 3, p. 8-14, 2000. (Série Relatório Técnico).

BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. Boletim estatístico da pesca e aquicultura: Brasil 2011. Brasília, DF, 2012.

BRASIL, S.S. Trabalho, adoecimento e saúde: aspectos sociais da pesca artesanal no Pará. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará.

BRITO, C. S. F.; FURTADO-JUNIOR, I. 2003. Boletim estatístico da pesca marítima e estuarina do Brasil - 1997 - 2003. Belém, CEPNOR/IBAMA. 56 p.

CERDEIRA, R.G.P.; Mauro Luis RUFFINO, M.L.; ISAAC, V.J. Consumo de pescado e outros alimentos pela população ribeirinha do lago grande de Monte Alegre, Pá - Brasil. *ACTA AMAZONICA* 27(3): 213-228. 1997.

CINTRA, I.H.A.; JURAS, A.A.; SILVA, A.C.K.; TENÓRIO, S.G.; OGAWA, M. Apetrechos de pesca utilizados no reservatório da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (Pará, Brasil). **Boletim Técnico Científico. CEPNOR. v. 9, n. 1, p. 67-79, 2009.**

CONCEIÇÃO, L.C.A.; MARTINS, C.M.; ARAUJO, J.G.; RABELO, K.F.; SANTOS, M.A.S. A pesca artesanal e os agravos à saúde do pescador no município de Curuçá, estado do Pará, Brasil. *Revista Sustinere*, Rio de Janeiro. V.9, suplemento 1, p.103-117, março, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/sustinere.2021.49276>. ISSN – 2359-0424

FRANCO, M.S. *Pedagogia da pesquisa - Ação, São Paulo, vol. 31, 2005.*

GARRONE NETO, D.; CORDEIRO, R. C.; HADDAD Jr., V. Acidente do trabalho em pescadores artesanais da região do Médio Rio Araguaia, Tocantins, Brasil, *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 795-803, maio/junho. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v21n3/13.pdf>>. Acesso: 28 jun. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 2017, v4.3.41.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Brasília, 2021. Disponível em: Acesso: 28 jul. 2018.

IBAMA. Boletim estatístico da pesca marítima e estuarina do nordeste do Brasil, **2002. Acesso em 20 de setembro de 2009 em: www.ibama.gov.br/cepene.**

IBAMA. Estatística da pesca 2007 Brasil: grandes regiões e unidades da federação. Brasília, 2007.

LIMA, M.A.L.; DORIA, C.R.C.; FREITAS, C.E.C. Pescarias artesanais em comunidades ribeirinhas na amazônia brasileira: perfil socioeconômico, conflitos e cenário da atividade. *Ambient. soc.* 15 (2) Ago. 2012 <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2012000200005>.

NUNES DA SILVA, C. Geotecnologias aplicadas ao ordenamento territorial pesqueiro. Belém: PPGEAP/UFPA, 2012. (Tese de Doutorado em Ecologia Aquática e Pesca).

OIT. Organização Internacional do Trabalho. CNR 188 – Referente ao Trabalho na Pesca, 1998.

PAIVA, E. J. S. Territórios Pesqueiros: a pesca comercial e o co-manejo pesqueiro em comunidades ribeirinhas da microrregião do Alto Solimões/Amazonas. 2019. 152 folhas. Dissertação, Programa Pós-Graduação Geografia (PPGG) – Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Porto Velho, 2019.

PENA, P. G. L.; GOMEZ, C. M. Saúde dos pescadores artesanais e desafios para a Vigilância em Saúde do Trabalhador. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 12, 2014. Disponível em: Acesso em: 26.02.2018.

PROSENEWICZ, I.; LIPPI, U. G. Acesso aos Serviços de Saúde, Condições de Saúde e Exposição aos Fatores de Risco: percepção dos pescadores ribeirinhos do Rio Machado de Ji-Paraná, RO. *Saúde Soc.* São Paulo, v.21, n.1, p.219- 231, 2012. Disponível em: .Acesso em: 26.02.2018.

RABELO, I.G.S.; VAS, E.M.; ZACARDI, D.M. Perfil socioeconômico dos pescadores artesanais de dois lagos periurbanos de Santarém, Estado do Pará. *Revista Desafios* – v.04, n.03, 2017. Visto em: DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2359-3652.2017v4n3p73>

ROSA, M. F. M.; MATTOS, U. A. O. A saúde e os riscos dos pescadores e catadores de caranguejo da Baía de Guanabara. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2010; 15 (supl.1): 1543-52. Disponível em: Acesso em: 26.02.2018.

SANTOS, G. M.; SANTOS, A. C. M. Sustentabilidade da pesca na Amazônia. *Estudos Avançados*, 19 (54), 2005. Disponível em: Acesso em: 26.02.2018.

SANTOS, G. M.; SANTOS, A. C. M. dos. Sustentabilidade da pesca na Amazônia. São Paulo, *Estudos Avançados*, v. 19, n. 54, p. 165-182, 2008. Disponível em: Acesso em: 3 ago. 2015.

SERRÃO, E. M.; IMBIRIBA, L. C.; SANTOS, Z. & ZACARDI, D. M. Apetrechos e técnicas de pesca utilizados por pescadores artesanais em lagos periurbanos no baixo amazonas (pará-brasil), *Braz. J. Aquat. Sci. Technol.*, 2022, 26(1).

SILVA, M.E.P.A.; CASTRO, P.M.G.; MARUYAMA, L.S.; PAIVA, P. Levantamento da pesca e perfil socioeconômico dos pescadores artesanais profissionais no reservatórios Billings. *B. Inst. Pesca*. São Paulo, 35(4): 531 – 543, 2009.

SOUZA, A.S.; CAMARGO, S.A.F. & CAMARGO, T.R.L. 2012. A pesca na Amazônia Brasileira. In: SERRÃO, E. M.; IMBIRIBA, L. C.; SANTOS, Z. & ZACARDI, D. M. apetrechos e técnicas de pesca utilizados por pescadores artesanais em lagos periurbanos no baixo amazonas (pará-brasil), *Braz. J. Aquat. Sci. Technol.*, 2022, 26(1)

SOUSA, K.N.S,2009. Representação espacial de dados pesqueiros na Costa norte Amazônica: Mapeamento e análise descritiva de dados de desembarque no estado do Pará. Em: *Anais XIV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto*, Natal, Brasil, 25-30 abril 2009, INPE, p. 4425-4432.

SANTOS, M.A.S.S. (2005). A cadeia produtiva da pesca artesanal no estado do Pará: estudo de caso no nordeste paraense. *Amazônia: Ci. & Desenv.*,1(1): 61-81.

TEIXEIRA, A.B.P.; A pesca e o perfil socioeconômico da atividade pesqueira artesanal de pequena escala no município de São Caetano de Odivelas, zona costeira. Trabalho de conclusão de curso(graduação) – curso de engenharia de pesca, campus universitário de Belém, Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2023.

ZACARDI, D.M.; PONTE, S.C.S.; SILVA, A.J.S. Caracterização da pesca e perfil dos pescadores artesanais de uma comunidade às margens do rio tapajós, Estado do Pará. *Amazônia: Ciência e Desenvolvimento*. v.10, n.19, p.129-148, 2014.

ZACARDI, D.M.; SARAIVA, M.L.; VAZ, E.M. Caracterização da pesca artesanal praticada nos lagos Mapiri e Papucu às margens do rio Tapajós, Santarém, Pará. *Rev. Bras. Eng. Pesca* 10(1): 31-43, 2017. ISSN 2175-3008.